

Um todo composto de partes, partes compondo um todo

[A whole made up of parts, parts composing a whole]

Sofia de Sousa Silva*

PASCIOLLA, Francesca; MIRANDA, Rui Gonçalves (org.) (2021). *Fernando Pessoa: Abordagens*. London: Spanish, Portuguese and Latin American Studies in the Humanities. 345 pp. [ISBN: 9781912399222]



Fernando Pessoa: Abordagens é um volume organizado pelos pesquisadores Francesca Pasciolla e Rui Gonçalves Miranda e publicado em língua portuguesa, no Reino Unido, em 2021, dentro da série Pessoa Studies.

Como os organizadores explicitam na “Introdução”, os textos de Fernando Pessoa desafiam sempre a novas interpretações, a exemplo do que ocorre com outros grandes escritores modernos como Joyce, Kafka ou Borges. E, recuando mais, como Shakespeare, Camões ou Dante. A existência de uma longa, abundante e variada fortuna crítica, embora possa dificultar a tarefa de reunir um volume com contribuições originais, não é de modo algum motivo para que se deixe de escrever e publicar sobre uma obra. Ao contrário, esse interesse sempre renovado é a prova maior de que essa obra continua viva e suscitando inquietações.

Nos dezanove ensaios que compõem o volume, algumas obras parecem ter atraído especial atenção, destacando-se entre elas, o *Livro do Desassossego*, que ocupa por inteiro as duas primeiras seções do livro — “Embarque” e “Atracagens”. Há um total de seis ensaios, com diferentes enfoques, sobre a obra de Bernardo Soares, de autoria de Silvina Rodrigues Lopes, Diego Giménez, Francesca Pasciolla, Paulo Borges, Gisele Batista Candido e Nuno Ribeiro. Em segunda posição, *Mensagem*, cuja singularidade é objeto de reflexão por parte de autores que pensam na delicada articulação do único livro de versos em português publicado em vida por Pessoa com o momento histórico de então, e ainda na complexidade da sua proposta estética, que pode equivocadamente levar a pensar também numa proposta política, como discutem Rui Gonçalves Miranda, Pedro Eiras e Maria Manuel Lisboa (que se dedica ainda a recontextualizar o conto “A Very Original Dinner”).

As relações entre a obra do poeta e as leituras que fez são estudadas por Nuno Ribeiro, no que diz respeito ao pensamento de Pascal e de Novalis; por Mariana

* Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Gray de Castro, no que concerne aos diálogos que o criador dos heterônimos estabelece com a literatura de língua inglesa, com a qual descobre laços de família; e ainda por Flávio Rodrigo Penteado, cujo texto dialoga fortemente com o de Mariana Gray de Castro e se dedica a examinar a relação específica com Shakespeare no drama estático *O Marinheiro*, outro destaque entre as atenções dos ensaístas, pois a peça é estudada também por Kenneth David Jackson, que a articula com outros marinheiros que surgem na obra pessoana, e por Mark Sabine, que se dedica à releitura albertiana de Pessoa, feita nos livros *Salsugem* e *Luminoso Afogado*, que convocam, além do drama, a “Ode marítima”, de Álvaro de Campos.

O riso em Pessoa, que marca presença discreta em alguns dos ensaios, é o tema principal do trabalho de Caio Gagliardi, especificamente sobre o riso irônico, e que faz ainda uma breve revisão da fortuna crítica pessoana a respeito dessa questão, escolhendo como interlocutor privilegiado o romancista Vergílio Ferreira. As reflexões sobre o fim permeiam os textos de Richard Zenith, Bernard McGuirk e Pedro Eiras, os dois últimos trazendo em comum a leitura do poema “Magnificat”, de Álvaro de Campos.

As pontes para a literatura contemporânea ficam a cargo de Kelvin Falcão Klein e seu estudo sobre o Barão de Teive, pensado a partir do *Bartleby e Cia.*, de Enrique Vila-Matas, dedicado a “artistas do Não”; de Mark Sabine sobre Al Berto e de Sara Costa sobre Herberto Helder, discutindo a noção de autoria tal como apresentada por Pessoa em “Autopsicografia” e por Herberto Helder na noção de poema contínuo. Por fim, a relação com os seus contemporâneos fica a cargo de Rita Patrício e o exame do tratamento dado por Pessoa à obra de Mário de Sá-Carneiro em vida e após a morte do companheiro de *Orpheu*, quando se torna editor deste.

A reflexão sobre a diferença entre um todo composto de partes e partes compondo um todo, trazida por Rita Patrício, dá ensejo para pensar sobre a organização deste volume. Embora o próprio título do volume, com seu plural, insista na ideia de multiplicidade, embora as seções remetam todas para temas ligados à navegação (Embarque, Atracagens, Tripulantes, Beira-mar, Redes, Nós e Apocalipse... nau), embora os organizadores reiterem a total liberdade oferecida a cada ensaísta e a ausência de “encomendas” de que escrevessem sobre alguma obra em particular, e lembrem ainda a impossibilidade de esgotamento da obra pessoana — com o que somos obrigados a concordar —, não é possível organizar um volume sem que recaia sobre si a responsabilidade por inclusões e exclusões. Na impossibilidade de “ser tudo de todas as maneiras”, parafraseando o verso de Álvaro de Campos, o volume decerto contém escolhas acertadas, como se procura mostrar aqui, mas em determinados momentos sente-se falta de uma justificativa, por exemplo, para o fato de que a relação com a literatura contemporânea e com os escritores posteriores a Pessoa se faça presente em tão poucos ensaios, ou mesmo para que em especial a obra poética de Pessoa seja relativamente pouco estudada ali. Do mesmo modo, sendo a fortuna crítica tão vasta e até já em parte sistematizada no

volume *Pessoana: Bibliografia Passiva, Selectiva e Temática*, de organização de José Blanco, ou mesmo no *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*, de coordenação de por Fernando Cabral Martins, ambos de 2008, seria interessante que os organizadores tivessem procurado situar um pouco as novas contribuições que no livro se reuniram em relação aos estudos anteriores, como fazem alguns dos ensaístas, para que o volume apresentasse uma estrutura mais clara aos olhos dos futuros leitores.

Uma recensão a uma obra tão vasta e diversa num curto espaço terá inevitavelmente de cometer injustiças. Ciente desse risco, no entanto, preciso dizer que apenas alguns desses ensaios já justificariam plenamente o interesse e a publicação do volume. Para exemplificar esta afirmação, concentro-me em alguns destes, bastante distintos entre si, pelo escopo e o tipo de leitura que desenvolvem.

Um dos capítulos dedicados ao *Livro do Desassossego*, o de autoria de Silvina Rodrigues Lopes, ilumina a reflexão sobre a escrita, sobre a arte e até sobre a relação entre a arte e a política feita por Bernardo Soares. O riso demolidor é um discreto ponto de partida para se chegar ao caráter autónomo, anticonvencional e, em última análise, antitotalitário do *Livro do Desassossego*, o qual é escrito “em contraste com o Caixa e o Razão, livros que a personagem Bernardo Soares tem em cima da secretária, idênticos àqueles que qualquer um poderia utilizar para registar os resultados sintetizáveis em “deve”, “haver” e “balanço” (27).

Com admirável liberdade, Richard Zenith transita entre pistas trazidas pela biografia e a obra pessoanas no que concerne a temas como morte, vida e posteridade, que a atravessam, concluindo pela “grande entrega à vida e aos seus processos dinâmicos” (264) por parte de Pessoa. Essa conclusão, que poderia parecer singela, contradiz uma leitura largamente difundida, desde pelos menos os anos 40 do século XX, da obra de Pessoa como poeta do não-ser, da ausência, do não-vivido.

A preocupação com o futuro atravessa a experiência derridiana de escrita de Bernard McGuirk e as interrogações de Pedro Eiras sobre as últimas produções do poeta, seja por escrito, seja oralmente. A vertente específica da preocupação com o futuro da recepção da obra encontra-se no centro do ensaio de Rita Patrício. O monumental trabalho de pesquisa ali feito permite reconfigurar a relação de Pessoa com Sá-Carneiro, na verdade, menos pacífica e generosa do que permitiria supor a declaração feita em carta — “Afinal estou em crer que em plena altura, pelo menos quanto a sentimento artístico, há em Portugal só nós dois” (277).

Pela variedade de perspectivas que reúne, pela amplitude das correntes de pensamento e das referências mobilizadas, e pelas novidades reveladas pela pesquisa, *Fernando Pessoa: Abordagens* é um volume que vem dar testemunho do vigor de que gozam os estudos pessoanos. Que tenham longa vida.

SOFIA DE SOUSA SILVA é professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, tem mestrado e doutorado pela PUC-Rio, com tese sobre as obras de Sophia de Mello Breyner Andresen e de Adília Lopes. Desenvolveu pesquisa de pós-doutorado na Universidade do Porto, em Portugal, e é colaboradora do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa e membro da rede de pesquisa Lyra Compoetics. Publicou *Fernando Pessoa: para descobrir, conhecer e amar* (Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2016). Coordena nessa editora a coleção Atlântica, dedicada à poesia portuguesa moderna e contemporânea. Organizou o volume *Aqui estão as minhas contas: antologia poética*, de Adília Lopes (2019).

SOFIA DE SOUSA SILVA is a college professor at Universidade Federal do Rio de Janeiro. She has earned a Master's degree and a PhD at PUC-Rio with a dissertation on the literary works of Sophia de Mello Breyner Andresen and Adília Lopes. She has completed post-doctoral research at Universidade do Porto, and presently collaborates with its Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, being a member of the research network Lyra Compoetics. She is the published author of *Fernando Pessoa: para descobrir, conhecer e amar* (Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2016). At Bazar do Tempo, Dr. Silva coordinates a collection titled Atlântica, dedicated to modern and contemporary Portuguese poetry. She was also responsible for organizing the volume *Aqui estão as minhas contas: antologia poética de Adília Lopes* (2019).